

JAMES FREY
E NILS JOHNSON-SHELTON



ENDGAME A CHAMADA

Tradução de
Maria João Afonso



 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *Endgame — The Calling*

Autores: *James Frey e Nils Johnson-Shelton*

Copyright © 2014 by Third Floor Fun, LLC

Experiência Caça ao Puzzle por Futurruption LLC

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2014

Tradução: *Maria João Afonso*

Capa:

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2014

Depósito legal n.º 380 902/14

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

A página 210 inclui um excerto de *Ballad for Gloom*, da obra *Collected Early Poems*, de Ezra Pound © 1926, 1935, 1954, 1965, 1967, 1976, de The Ezra Pound Literary Property Trust. Reproduzido sob autorização de New Directions Publishings Group.

Grande parte deste livro é ficção, mas muita da informação que contém não o é. Endgame é real. E Endgame aproxima-se.

Tudo, sempre, cada palavra, nome, número, local, distância, cor, tempo, cada letra em cada página, tudo, sempre. Assim diz, assim foi dito e será dito de novo. Tudo.

*Ei^v 12 12 12^{vi}

Endgame, o desafio final, começou. O nosso futuro está por escrever. O nosso futuro é o vosso futuro. O que for será.

Todos nós acreditamos numa ou noutra versão da história de como chegámos até aqui. Fomos feitos por Deus. Os extraterrestres teletransportaram-nos. O raio fendeu-nos ou houve um portal que nos pôs cá. No fim de tudo, o *como* não interessa. Temos este planeta, este mundo, esta Terra. Chegámos, temos cá estado e estamos aqui agora. Vocês, eu, nós, toda a Humanidade. O que quer que creiam que foi o início não é importante. Contudo, o fim. O fim é.

Isto é Endgame.

Somos em número de 12. Somos jovens de corpo, mas provimos de povos muito antigos. As nossas linhagens foram escolhidas há milhares de anos. Desde então, todos os dias trabalhamos para nos preparar. Assim que o jogo tiver início, teremos de decidir e decifrar; avançar e assassinar. Alguns de nós estão menos prontos do que outros, e os menos preparados serão os primeiros a morrer. Neste aspeto, Endgame é muito simples. O que não é simples é que quando um de nós morrer, tal significará a morte de um número infundável de outros. O Acontecimento, e o que virá depois, resolverá isso. Vocês são os biliões de incautos. São os espetadores inocentes. São os vencidos sortudos e os desafortunados vencedores. Vocês são o público de um jogo que vai determinar o vosso destino.

Nós somos os Jogadores. Os vossos Jogadores. Temos de jogar. Temos de ter mais de 13 anos e menos de 20. A regra é esta e sempre assim foi. Não somos sobrenaturais. Nenhum de nós consegue voar, transformar o chumbo em ouro, ou curar as nossas feridas. Quando a

morte chegar, chega. Somos mortais. Humanos. Somos os herdeiros da Terra. Há que resolver o Grande Enigma da Salvação e um de nós terá de o fazer ou pereceremos todos. Juntos, somos tudo: fortes, amáveis, implacáveis, leais, inteligentes, estúpidos, feios, lúbricos, mesquinhos, volúveis, belos, calculistas, preguiçosos, exuberantes, fracos.

Somos o bem e o mal.

Como vocês.

Como toda a gente.

Contudo, não estamos juntos. Não somos amigos. Não telefonamos uns aos outros nem trocamos mensagens. Não conversamos na Net nem vamos tomar um café juntos. Estamos afastados e dispersos, espalhados por todo o mundo. Desde que nascemos fomos educados para ser cautelosos e sensatos, astutos e embusteiros, implacáveis e impiedosos. Não nos deteremos perante nada para encontrar as chaves para o Grande Enigma. Não podemos falhar. O fracasso significa morte. O fracasso é o Fim de Todos, o Fim de Tudo.

A exuberância será capaz de derrotar a força? A estupidez de superar a maior amabilidade? A preguiça de frustrar a beleza? O vencedor será bom ou mau? Só existe uma forma de o descobrir.

Joguem.

Sobrevivam.

Resolvam.

O nosso futuro está por escrever. O nosso futuro é o vosso futuro. O que for será.

Por isso, escutem.

Sigam.

Apoiem.

Tenham esperança.

Rezem.

Rezem muito, se acreditam nisso.

Somos os Jogadores. Os vossos Jogadores. Vamos Jogar para vocês.

Venham jogar connosco.

Habitantes da Terra.

Endgame começou.

MARCUS LOXIAS MEGALOS

Hafız Alipaşa Sk, Aziz Mahmut Hüdayi Mb, Istambul, Turquia



Marcus Loxias Megalos está aborrecido. Não é capaz de recordar um tempo sem tédio. A escola é aborrecida. As raparigas são aborrecidas. O futebol é aborrecido. Especialmente quando a sua equipa, a sua equipa favorita, o Fenerbahçe, está a perder, como acontece agora, contra o Manisaspur.

Marcus faz uma careta para a televisão no seu quartinho sem decoração. Está esparramado num cadeirão de cabedal negro macio que se lhe cola à pele sempre que se endireita. É de noite, mas Marcus mantém as luzes do quarto apagadas. A janela está aberta. O calor entra por ela como se fosse um fantasma opressivo, ao mesmo tempo que os sons do Bósforo — as longas e graves sirenes dos navios, os sinos das boias — gemem e retinem sobre Istambul.

Marcus tem vestidos uns calções de ginástica largos e está em tronco nu. As suas 24 costelas distinguem-se por baixo da pele bronzeada. Tem braços fortes e rijos. A respiração está relaxada. O estômago é firme, tem o cabelo negro cortado rente e olhos verdes. Pela ponta do nariz escorre-lhe uma gota de suor. Nessa noite, toda a Istambul ferve em lume brando e Marcus não é exceção.

Em cima do regaço está um livro aberto, antigo, encadernado em couro. As palavras nas páginas estão em grego. Marcus escreveu algo num pedaço de papel que se encontra pousado sobre a página aberta: *Da magna Creta declaro descender por linhagem, filbo que sou de um homem rico.* Já leu o velho livro vezes sem conta. É uma história de guerra, exploração, traição, amor e morte. Provoca-lhe sempre um sorriso.

O que Marcus não daria para empreender uma viagem por si, escapando ao calor opressivo desta desinteressante cidade. Imagina um

mar sem-fim estendendo-se à sua frente, o vento fresco a bater-lhe na pele, aventuras e inimigos à espreita no horizonte.

Marcus suspira e toca no pedaço de papel. Na outra mão segura uma faca com 9000 anos, feita de uma única peça de bronze, forjada nas fornalhas de Cnossos. Aproxima a lâmina do corpo e encosta a ponta ao seu antebraço direito. Empurra-a contra a pele, mas não vai até ao fim. Conhece os limites desta lâmina. Treinou com ela desde que foi capaz de lhe pegar. Desde os 6 anos que dorme com ela debaixo da almofada. Usou-a para matar galinhas, ratazanas, cães, gatos, porcos, cavalos, falcões e cordeiros. Com ela matou 11 pessoas.

Tem 16 anos e está no auge da sua capacidade para Jogar. Se chegar aos 20, deixa de poder ser escolhido. Quer Jogar. Preferia morrer a não ser escolhido.

No entanto, as probabilidades de o conseguir são quase nulas e ele sabe-o. Ao contrário do que aconteceu a Ulisses, a guerra nunca chegará até Marcus. Não haverá a grande viagem.

Há 9000 anos que a sua linhagem está à espera. Desde o dia em que forjaram a sua faca. Tanto quanto Marcus sabe, ainda poderão ter de esperar outros 9000 anos, uma espera que se prolongará muito depois de Marcus ter desaparecido e as páginas do seu livro se terem desfeito.

Portanto, Marcus está aborrecido.

Na televisão, a multidão aplaude e Marcus levanta o olhar da faca. O goleador do Fenerbahçe deu um pontapé em arco junto da linha direita e a bola foi embater na cabeça de um médio corpulento. A bola ressalta para a frente, ultrapassa uma linha defensiva para junto dos últimos dois homens à frente do guarda-redes do Manisaspor. Os jogadores precipitam-se para a bola e o avançado apanha-a, a 20 metros da baliza, livre e sem defesas à sua volta. O guarda-redes prepara-se.

Marcus inclina-se para frente. 83 minutos e 34 segundos de jogo. O Fenerbahçe ainda não marcou e se o fizesse, em circunstâncias tão dramáticas, salvaria a honra. O velho livro escorrega e cai no chão. O pedaço de papel flutua, longe da página, e desliza pelo ar como uma folha que cai. A multidão começa a levantar-se. O céu ilumina-se subitamente, como se os Deuses, os próprios Deuses Celestes, estivessem a descer para dar uma ajuda. O guarda-redes recua. O avançado concentra-se, dá o pontapé e a bola dispara.

Quando bate no fundo da rede, o estádio anima-se e a multidão grita, primeiro de excitação pelo golo, mas, logo a seguir, de terror e

confusão, um terror e confusão intensos, verdadeiros e profundos. Uma enorme bola de fogo, um meteoro gigante, em chamas, explode sobre a multidão, passa vertiginosamente, devastando a defesa do Fenerbahçe, e abre um buraco na extremidade da tribuna do estádio.

Marcus arregala os olhos. Está a olhar para uma carnificina total. Um massacre ao nível dos que vê nos filmes-catástrofe americanos. Metade do estádio, dezenas de milhares de pessoas mortas, a arder, incendiadas, em chamas.

É a coisa mais bonita que Marcus alguma vez viu.

Respira profundamente. O suor escorre-lhe da testa. Na rua, as pessoas gritam, berram. Uma mulher guincha no café por baixo dele. As sirenes cruzam a cidade velha junto do Bósforo, entre os mares de Mármara e Negro.

Na televisão, o estádio está envolto em chamas. Jogadores, polícias, espetadores, treinadores correm em chamas de um lado para o outro, como se fossem fósforos enlouquecidos. Os comentadores gritam por ajuda, clamam por Deus, porque não compreendem. Os que não estão mortos ou quase a morrer tropeçam uns nos outros na sua pressa em tentar escapar. Há uma nova explosão e o monitor fica negro.

O coração de Marcus quer saltar-lhe do peito. O cérebro de Marcus está tão ardente como o campo de futebol. O seu estômago está cheio de pedras e ácido. Sente as palmas das mãos quentes e pegajosas. Baixa os olhos e vê que enterrou a lâmina antiga no braço e que há um riozinho de sangue a escorrer pela sua mão, para a cadeira, para o livro. O livro ficou estragado, mas Marcus não se importa; já não vai precisar mais dele. A partir daquele momento, Marcus *terá* a sua própria Odisseia. Olha de novo para a televisão, agora escura. Sabe que há algo à sua espera, entre os destroços. Tem de o encontrar.

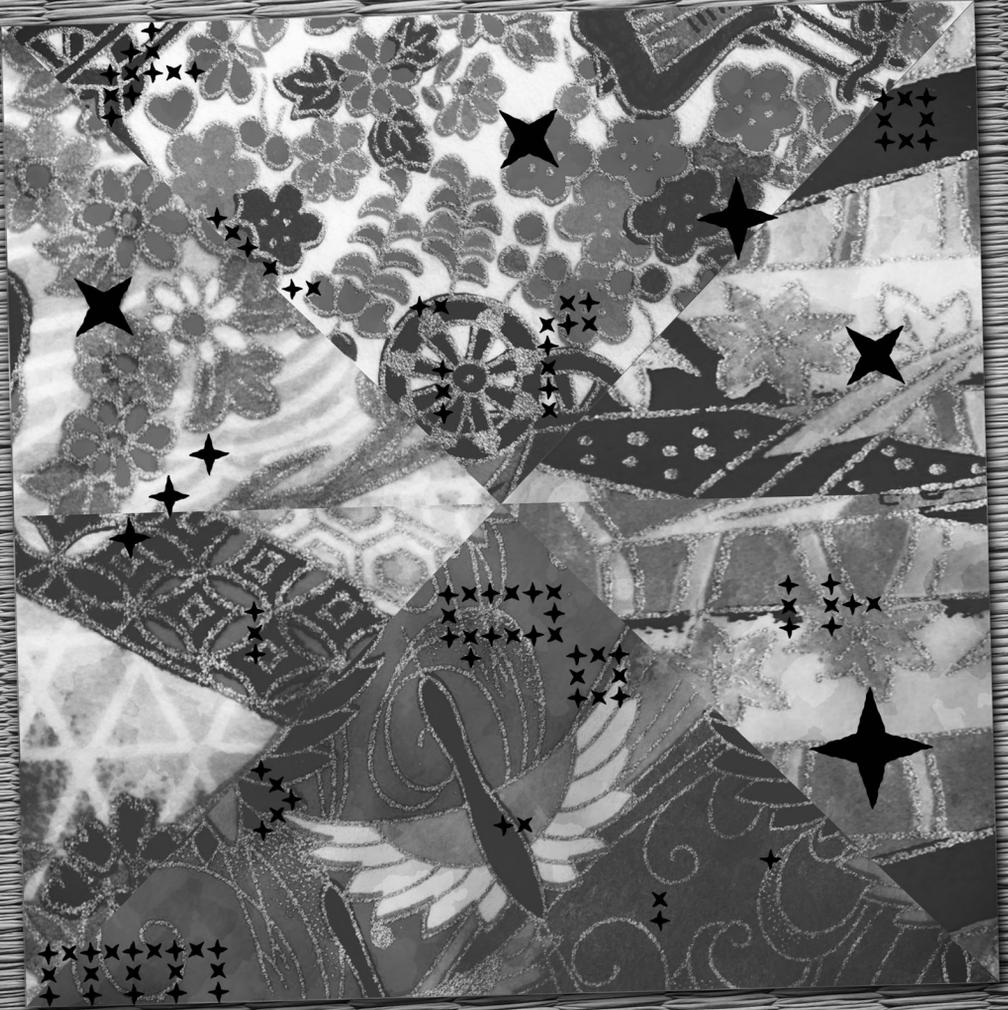
Uma coisa só.

Para ele, para a sua linhagem...

Sorri. Marcus preparou-se para este instante ao longo de toda a sua vida. Quando não estava a treinar, estava a sonhar com A Chamada. Nenhuma das visões de destruição que a mente adolescente de Marcus congeminara chegava perto daquilo a que assistira esta noite. Um meteoro a destruir um estádio de futebol, matando 38 676 pessoas. As lendas diziam que o anúncio seria grandioso. Por uma vez, as lendas haviam-se transformado numa bela realidade.

Marcus desejava, aguardara e preparara-se para o Endgame durante toda a sua vida. Marcus já não está aborrecido e não voltará a sentir-se entediado até ganhar ou morrer.

Chegou a hora.



CHIYOKO TAKEDA

22B Hateshinai Tōri, Naha, Okinawa, Japão



As três badaladas de um pequeno sino de estanho despertam Chiyoko Takeda. Tem a cabeça inclinada para um lado. O relógio digital marca as 5:24. Repara nele: são agora números com peso. Significativos. Imagina que se passará o mesmo com todos aqueles que atribuem significados especiais a números como 11:03, 9:11 ou 7:07. Durante o resto da sua vida verá aqueles números, 5:24, e durante toda a sua vida eles carregarão consigo peso, significado, importância.

Chiyoko vira as costas ao relógio que está em cima da mesinha de cabeceira e fixa o olhar na escuridão. Está nua, estendida por cima dos lençóis. Passa a língua nos seus lábios carnudos. Analisa com cuidado as sombras no teto como se fosse ali surgir alguma mensagem.

O sino não devia ter tocado. Para ela não.

Durante a sua vida toda tinham-lhe falado de Endgame e da sua peculiar e fantástica linhagem. Antes do toque do sino ela tinha 17 anos, era uma marginal que estudava em casa, uma velejadora e navegadora de primeira água, uma jardineira competente, uma trepadora ágil. Perita em símbolos, línguas e palavras. Uma intérprete de sinais. Uma assassina hábil no manejo da *wakizashi*¹, na prática da *hojo*² e no arremesso das *shuriken*³. Agora que o sino tocou, sente-se

¹ Espada pequena japonesa, usada sobretudo em combates a curta distância. (NT)

² Arte de prender e amarrar um prisioneiro. (NT)

³ Lâmina de arremesso, com várias pontas, usada sobretudo pelos ninjas. (NT)

com 100 anos. Com 1000 anos. Sente-se com 10 000 anos e a envelhecer a cada segundo que passa. O duro fardo dos séculos pesa-lhe sobre os ombros.

Chiyoko fecha os olhos. A escuridão regressa. Deseja estar noutra sítio qualquer. Numa gruta. Debaixo de água. Na floresta mais escura da Terra. Mas está aqui e há que se habituar a isso. Dentro de pouco tempo a escuridão ter-se-á espalhado por todo o lado e toda a gente o saberá. Tem de a dominar. Tornar-se sua amiga. Amá-la. Teve 17 anos para se preparar e está pronta, mesmo que nunca a tenha querido ou esperado. A escuridão. Será um silêncio amoroso, o que para Chiyoko é fácil. O silêncio faz parte de si.

Porque ela ouviu, mas nunca falou.

Olha para o exterior, pela janela aberta e respira. Choveu durante a noite e ela sente a humidade no nariz, na garganta, no peito. O ar cheira bem.

Escuta um leve tamborilar na porta de correr que dá acesso ao seu quarto. Chiyoko senta-se na sua cama ocidental, com as costas magras viradas para a porta. Bate duas vezes com os pés. Duas vezes quer dizer *Entre*.

O som da madeira a deslizar sobre madeira. O silêncio quando o painel se detém. O leve arrastar de pés.

— Toquei o sino — diz o tio, com a cabeça profundamente inclinada para o chão, oferecendo à jovem Jogadora o mais alto nível de respeito, como é o costume, a regra. — Tive de o fazer — prossegue o tio. — Eles vêm aí. Todos.

Chiyoko assente.

Ele mantém os olhos baixos.

— Peço desculpa — diz. — Chegou a hora.

Chiyoko dá cinco pancadas irregulares com os pés.

Okay, *um copo de água*.

— Sim, com certeza. — O tio sai às arrecuas e, sem fazer barulho, afasta-se.

Chiyoko põe-se de pé, torna a cheirar o ar e dirige-se para a janela. O ténue brilho das luzes da cidade depõe um manto sobre a sua tez pálida. Olha para Naha. Há o parque. O hospital. O porto. Há o oceano, negro, vasto e calmo. Há uma leve brisa. As palmeiras por baixo da sua janela sussurram. As nuvens cinzentas e carregadas começam a iluminar-se como se estivessem prestes a receber a visita de uma nave espacial.

Os velhos devem estar acordados, pensa Chiyoko. Os velhos levantam-se cedo.

Estão a beber chá com arroz e rábano em vinagre. Ovos e peixe e leite quente. Alguns deles ainda recordam a guerra. O fogo vindo do céu que destruiu e dizimou tudo e todos. E que permitiu um renascer. O que está prestes a acontecer trará à memória esses dias. Mas um renascer? A sua sobrevivência e futuro dependem inteiramente de Chiyoko.

Um cão começa a ladrar freneticamente.

As aves chilreiam.

O alarme de um carro dispara.

O céu fica muito brilhante e as nuvens abrem-se quando uma imensa bola de fogo explode sobre um extremo da cidade. Grita, arde e despenha-se na marina. Uma enorme explosão acompanhada de uma vaga de vapor escaldante iluminam a madrugada. Uma chuva composta de pó e rocha e plástico e metal sobe em turbilhão, por cima de Naha. As árvores morrem. Os peixes morrem. As crianças, os sonhos, as fortunas morrem. Quem tem sorte morre durante o sono. Os que a não têm morrem queimados ou despedaçados.

De início, será confundido com um terramoto.

Mas eles vão ver.

É apenas o princípio.

Os detritos caem por toda a cidade. Chiyoko sente a sua peça a vir na sua direção. Dá um grande passo para longe da janela e um objeto incandescente, com o feitio de um peixe, cai no chão, queimando um buraco no tatâmi.

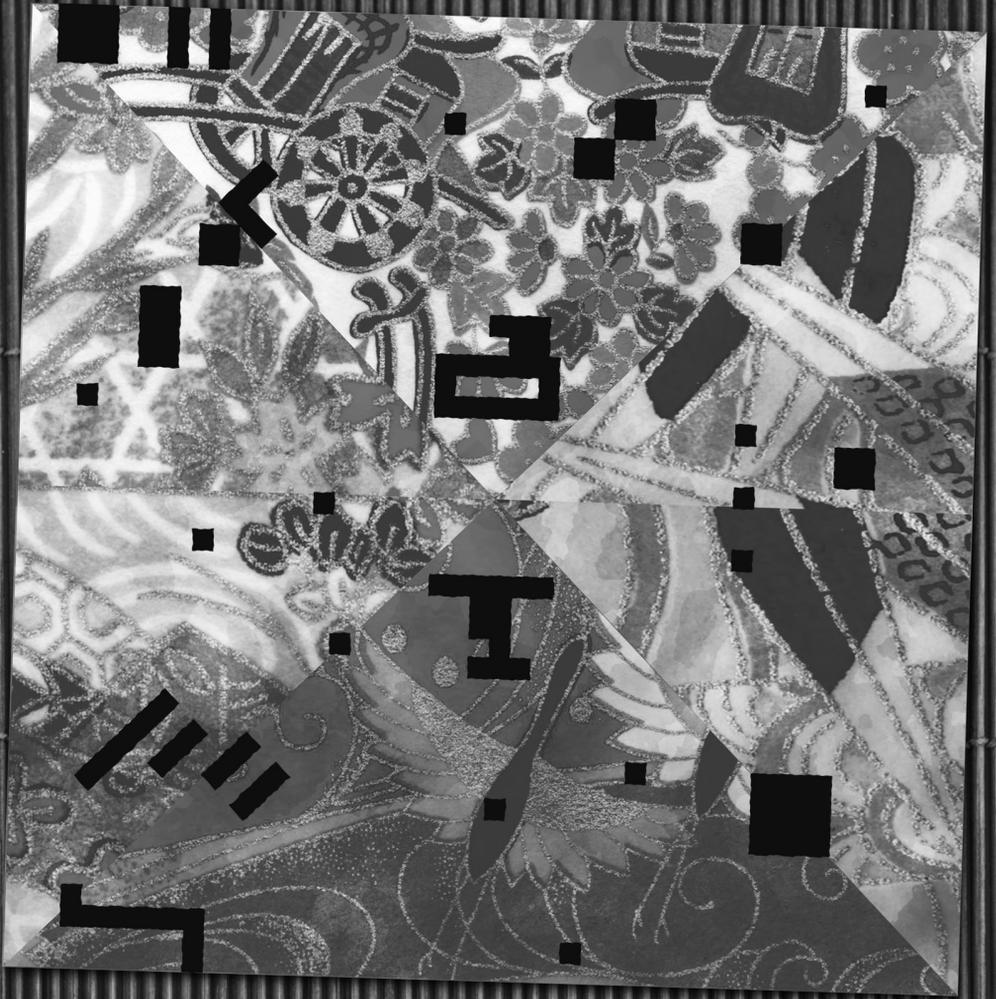
O tio bate de novo à porta. Chiyoko bate duas vezes com os pés. *Entre.* A porta ainda está aberta. O tio mantém o olhar baixo e detém-se a seu lado, estendendo-lhe primeiro um quimono de seda azul simples que ela veste, seguido de um copo de água muito fria.

Ela despeja a água sobre o objeto incandescente. A água ferve de imediato e ele chia, esguicha e solta vapor. No fim, fica apenas uma rocha luzidia, negra e irregular.

Olha para o tio. Ele devolve-lhe o olhar, com os olhos inundados de tristeza. É uma tristeza de muitos séculos, de vidas chegadas ao seu término. Ela faz-lhe uma pequena reverência de agradecimento. Ele tenta sorrir. Em tempos, fora como ela, à espera que Endgame começasse, mas o seu tempo passara, como acontecera com inúmeras outras pessoas, durante milhares e milhares de anos.

Não passara para Chiyoko.

— Lamento — diz ele. — Lamento por ti, por todos nós. O que for será.



SARAH ALOPAY

Escola Secundária de Bryan, Omaha, Nebraska, Estados Unidos



O diretor está de pé, a sorrir, e percorre a multidão com o olhar.

— E é com a maior honra que vos apresento a vossa oradora de curso, Sarah Alopay!

A multidão solta vivas, aplaude, assobia.

Sarah põe-se de pé. Usa um chapéu de finalista e uma batina vermelha com a faixa azul de oradora cruzando-lhe o peito. Sorri. Tem passado o dia todo a sorrir. Dói-lhe a cara de tanto sorrir. Está feliz. Falta menos de um mês para fazer 18 anos. Vai passar o verão numa escavação arqueológica na Bolívia, com Christopher, o namorado, e no outono irá para a Universidade de Princeton. Assim que fizer 20 anos, começará o resto da sua vida.

Dentro de 742,43625 dias será livre.

Já não cumprirá os requisitos.

Está na 2.^a fila, por trás de um grupo de administradores, membros da Associação de Pais e Professores e treinadores de futebol. Há alguns lugares entre o seu e a coxia. A seu lado está Reena Smithson, a sua melhor amiga desde o 3.^o ano, e quatro filas atrás de si, Christopher. Deita-lhe um olhar de fugida. Cabelo louro, a sombra de uma barba, olhos verdes. Um carácter calmo e um enorme coração. O rapaz mais bonito de toda a escola, de toda a cidade, talvez mesmo até de todo o estado e, pela parte que lhe toca, de todo o mundo.

— Vai-te a eles, leoa! — diz-lhe Christopher, a sorrir.

Sarah e Christopher estão juntos desde o 7.^o ano. Inseparáveis.

A família de Christopher é uma das mais ricas do Omaha. Na realidade, são tão ricos que a mãe e o pai não se deram ao trabalho de deixar os negócios na Europa e fazer o voo até à cerimónia de forma-

tura do próprio filho. Quando Christopher atravessar o palco, os vivos mais ruidosos virão da família de Sarah. Christopher poderia ter ido para uma escola privada ou para o colégio interno que o pai frequentou, mas recusou, uma vez que não queria separar-se de Sarah. É uma das muitas razões por que o ama e acredita que ficarão juntos a vida toda. É o que ela quer e sabe que é o desejo dele também. E dentro de 742,43539 dias tornar-se-á possível.

Sarah avança para a coxia. Usa um par de *Wayfarers* da *Ray-Ban*, cor-de-rosa, que o pai lhe ofereceu no Natal, um par de óculos que esconde os seus olhos castanhos e afastados. Tem o longo cabelo cor de cobre muito bem apanhado num rabo de cavalo. A sua pele macia e cor de bronze é luminosa. Por baixo da batina está vestida como todas as outras.

No entanto, quantas da sua turma de finalistas levarão consigo para o palco o peso de um artefacto? Sarah usa-o à volta do pescoço, tal como Tate fizera durante o tempo em que era candidato e como fora passado de Jogador para Jogador ao longo de 300 gerações. Pendurada na corrente está uma pedra negra polida, testemunha de 6000 anos de amor, dor, beleza, luz, tristeza e morte. Sarah usa aquele fio desde o instante em que Tate se magoou e o conselho da sua linhagem decidiu que passaria ela a ser a Jogadora. Tinha 14 anos. Desde esse momento que nunca tirou o amuleto e está tão habituada a ele que já mal o sente.

Enquanto percorre o caminho até ao palco, do fundo da sala ergue-se uma cantilena. «Sar-ah! Sar-ah! Sar-ah!» Ela sorri, vira-se e olha para os amigos todos, os colegas de turma, Christopher, o irmão mais velho, Tate, e os pais. A mãe passou o braço à volta do pai e estão os dois com um ar orgulhoso e feliz. Sarah faz uma careta a querer dizer *estou nervosa*, e o pai sorri-lhe e levanta um polegar. Ela sobe ao palco e a diretora, Mrs. Shoemaker, entrega-lhe o diploma.

— Vou sentir a tua falta, Sarah.

— Não me vou embora para sempre, Mrs. Shoe! Vai tornar a ver-me mais vezes.

Mrs. Shoemaker é mais experiente. Sarah Alopay nunca teve uma nota que fosse abaixo de Excelente. Fez parte da equipa do estado em futebol americano e atletismo e conseguiu uma classificação perfeita nos exames finais. É divertida, simpática, generosa e prestável e está obviamente destinada a grandes coisas.

— Arrasa-os, Alopay — diz.

— É o que faço sempre — responde Sarah.

Aproxima-se do micro, olha para ocidente por cima da sua turma, da sua escola. Por trás da última fila dos 319 alunos há um renque de grandes carvalhos, cobertos de folhas verdes. O sol brilha e está calor, mas ela não se importa. Ninguém se importa. Estão a terminar uma fase das suas vidas e há outra prestes a começar. Todos estão excitados. Estão a imaginar o futuro e os sonhos que têm e esperam realizar. Sarah trabalhou o seu discurso com muito cuidado. Vai ser a voz dos colegas e quer oferecer-lhes qualquer coisa que os inspire, algo que os impulse para a frente agora que iniciam este novo capítulo. A pressão é muita, mas Sarah está habituada a isso.

Sarah inclina-se para a frente e pigarreia.

— Parabéns e sejam bem-vindos ao melhor dia das nossas vidas, ou, pelo menos, ao melhor dia até hoje!

Os jovens entram em delírio e alguns chegam mesmo a atirar os chapéus de finalista ao ar, antes de tempo. Outros riem. Mais vivas: «Sar-ah! Sar-ah! Sar-ah!»

— Quando pensei no meu discurso — começa Sarah, com o coração aos saltos —, decidi tentar responder a uma questão. Pensei imediatamente na pergunta que me fazem mais vezes e, apesar de ser um tanto embaraçosa, a resposta foi fácil. As pessoas estão sempre a perguntar-me se eu tenho um segredo!

Risos. Porque é verdade. Se alguma vez houve naquela escola um estudante perfeito, era Sarah. E pelo menos uma vez por semana, alguém lhe perguntava qual era o seu segredo.

— Depois de pensar muito e durante bastante tempo, percebi que a resposta é muito simples. O meu segredo é não ter segredos.

Mas isso, claro, é mentira. Sarah tem grandes segredos. Segredos profundos. Segredos que foram guardados pela sua gente durante muitos milhares de anos. E apesar de ter feito tudo o que a tornou popular, de ter merecido todas as notas máximas, cada troféu e cada prémio, ela fez muito mais. Fez coisas que eles nem conseguem imaginar. Coisas como fazer fogo com gelo. Caçar e matar um lobo usando apenas as mãos. Caminhar sobre brasas. Manteve-se acordada durante uma semana inteira, abateu um veado a uma milha de distância, fala nove línguas, tem cinco passaportes. Enquanto eles a conhecem como Sarah Alopay, Rainha dos Finalistas, rapariga tipicamente americana, a realidade é que ela foi tão treinada e é tão mortífera como qualquer soldado desta Terra.

— Sou o que veem. Sou feliz e capaz porque me permito ser feliz. Aprendi muito cedo que manter-me ativa me traz mais atividade.

Que a recompensa do estudo é o saber. Que ver dá a visão. Que se uma pessoa não alimentar a zanga, não se sentirá zangada. A tristeza e a frustração, e até mesmo a tragédia, são inevitáveis, mas isto não quer dizer que a felicidade não ande por perto, à disposição de todos nós. O meu segredo é escolher ser a pessoa que quero ser. É não acreditar no destino ou na predeterminação, mas na escolha e que cada um de nós escolhe ser a pessoa que é. Seja o que for que queiram ser, podem sê-lo, o que quiserem fazer, podem fazê-lo, onde quer que queiram ir, podem ir. O mundo, a vida à nossa frente, está aí tudo, à nossa espera. O futuro ainda não foi escrito e vocês podem dar-lhe a forma que queiram que tenha.

Os jovens estão silenciosos, agora. Toda a gente está em silêncio.

— Estou a olhar para ocidente. Atrás de vocês, por cima das bancadas, há um renque de carvalhos. Por trás das árvores há planícies, a terra dos meus antepassados, mas, na realidade, é a terra ancestral de todos os seres humanos. Para além das planícies estão as montanhas, de onde escorre a água. A seguir às montanhas está o mar, a fonte da vida. Por cima de tudo, o céu. Em baixo, está a Terra. Tudo faz parte da vida e a vida é...

Sarah é interrompida por um estrondo sónico, vindo do alto. Toda a gente vira a cabeça. Por cima dos carvalhos estende-se um rasto luminoso, rasgando o céu azul. Não parece deslocar-se, apenas crescer. Durante um instante, toda a gente fica a olhar, temerosa. Ouvem-se arquejos. Alguém pergunta, muito claramente: «O que foi aquilo?»

As pessoas estão com o olhar fixo até que da última fila vem um grito solitário, que atinge todo o grupo ali reunido de uma vez só. Parece que alguém ligou um botão de pânico. Som de cadeiras a tombar, pessoas aos gritos, uma confusão total. Sarah está arquejante. Num gesto instintivo, a mão afasta a capa e agarra a pedra que tem pendurada ao pescoço.

Está muito mais pesada do que alguma vez foi. O asteroide ou meteoro ou cometa, o que quer que seja, está a alterá-la. Sarah está petrificada. Com o olhar fixo observa o rasto que vem na sua direção. A pedra presa no fio altera-se de novo e, subitamente, torna-se leve. Sarah apercebe-se de que está a erguer-se no ar, sob a capa que veste. A pedra desembaraça-se da roupa e avança na direção da coisa que vem buscá-las.

É este o aspeto.

É esta a sensação.

Endgame.

Os sons de terror deixam de soar aos seus ouvidos, substituídos por um silêncio de estupefação.

Apesar de se ter treinado para este momento ao longo de toda a vida, nunca pensou que viesse a acontecer.

Tinha esperança de que não. 742,42898 dias. Esperava ficar livre. A pedra puxa-lhe pelo pescoço.

— SARAH! — Alguém lhe dá um forte puxão no braço. A bola de fogo é fascinante, terrível e, de súbito, audível. Ela consegue literalmente ouvi-la rasgar o ar, a arder, a rugir.

— Vem! JÁ! — É Christopher. O amável, corajoso e forte Christopher. Tem a cara vermelha do alarme e do calor, os olhos lacrimejantes, e o cuspo voa-lhe da boca. Ela vê os pais e o irmão no fundo das escadas.

Restam-lhes uns segundos.

Talvez menos.

O céu claro da manhã escurece, fica negro, e a bola de fogo está por cima deles. O calor é abrasador. O som, paralisante.

Vão morrer.

No último instante, Christopher salta do palco, arrastando Sarah consigo. O ar enche-se do cheiro de cabelo, madeira e plástico a arder. O colar puxa-a com tanta força na direção do meteoro que a corrente se enterra na pele do pescoço de Sarah.

Fecham os olhos e agacham-se sobre a relva. Sarah sente a pedra soltar-se, ir pelo ar, em busca do meteoro. No derradeiro minuto, a imensa bola de fogo muda de direção, detém-se a mil pés de distância e salta sobre eles como um seixo plano na água lisa de um lago. Passa-se tudo tão depressa que ninguém vê, mas, de alguma forma, não se sabe como ou por que razão, a velha pedrinha salvou-os.

O meteorito voa por cima da tribuna de cimento e vai cair a um quarto de milha para oriente. Onde está o edifício da escola. O parque de estacionamento. Parte dos campos de basquetebol. Os campos de ténis.

Já não.

O meteoro destrói tudo.

Bum.

Desapareceram.

Aqueles locais reconfortantes e familiares onde Sarah passou a vida — pelo menos, a vida normal — desapareceram num abrir e fechar de olhos. Foi tudo arrasado. Um novo capítulo começou, só que não é o que Sarah esperava.

Uma onda de choque varre o campo, arrastando consigo pó e escuridão. Atinge-os com força, derruba-os, deixa-os inconscientes, rebenta-lhes os tímpanos.

O ar está quente e pejado de partículas, cinzentas, castanhas e negras. É difícil ver. Christopher está ainda junto de Sarah. A abraça-la. A protegê-la. Puxa-a para junto de si, durante uma chuva de pedras, terra, bocados do tamanho de punhos de sabe-se lá o quê. Há outras pessoas à sua volta, algumas feridas. Tossem. Não conseguem parar de chorar. Não conseguem parar de tremer. É difícil respirar. São varridos por uma segunda onda de choque que os empurra ainda com mais força para o chão. Sarah sente que o ar lhe fugiu dos pulmões. Voam faíscas que iluminam o pó. O chão treme quando, à sua volta, começam a cair coisas. Pedacos de cimento e aço, carros esmagados, mobílias. Só lhes resta aguardar, a rezar para que não lhes caia nada em cima. Christopher agarra-a com tanta força que a magoa. Ela enterrou as unhas nas costas dele.

Quando o ar começa a clarear e os pequenos ruídos a regressar, não fazem a menor ideia de quanto tempo decorreu. Há pessoas a gritar com dores. Chamam-se nomes. Um deles é o seu.

O pai.

— Sarah! SARAH!

— Estou aqui! — grita. A voz sai-lhe abafada e distante até mesmo para si. Os ouvidos ainda lhe zumbem. — Estou aqui!

O pai sai de dentro da nuvem de pó. Tem a cara coberta de sangue e cinzas. Por entre a sujidade da sua cara, ela vê o branco dos olhos dele, brilhante e límpido. Ele sabe o mesmo que ela.

Endgame.

— Sarah! — O pai cambaleia na direção deles e cai de joelhos, envolvendo-os a ambos com os braços. Choram. Os corpos agitam-se. As pessoas gritam em todas as direções. Sarah abre os olhos por um segundo e vê Reena à sua frente, aturdida, em estado de choque. O braço da sua melhor amiga desapareceu, cortado por cima do cotovelo, e só restam sangue, pele estraçalhada e osso irregular. O fato da formatura foi-lhe arrancado do corpo, mas, por alguma razão misteriosa, o chapéu ficou. Ela está coberta de fuligem. Sarah chama-a:

— Reena! Reena!

Mas Reena não a ouve. Torna a desaparecer dentro do pó e Sarah toma consciência de que nunca mais verá a amiga.

— Onde está a mãe? — sussurra, com os lábios colados à orelha do pai.

— Eu estava com ela. Não sei.

— A pedra, ela... ela...

— Eu sei.

— Sarah? — ouve a voz da mãe.

— Aqui! — gritam os três ao mesmo tempo.

A mãe de Sarah gatinha até junto deles. Desapareceu-lhe por completo o cabelo do lado direito da cabeça. Tem a cara queimada, mas não é demasiado grave. Quando os vê fica muito feliz. O seu olhar é muito diferente do que aquele que deitou a Sarah quando ela subiu ao palco.

Eu estava a fazer um discurso, pensa Sarah. Eu estava a fazer o discurso da cerimónia de formatura. As pessoas estavam felizes. Tão felizes.

— Olowa — diz Simon baixinho, estendendo a mão à mulher.

— O Tate?

Olowa abana a cabeça.

— Não sei.

Uma explosão à distância.

O ar começa a ficar limpo e a carnificina mais evidente. Há corpos por todo o lado. Os Alopays e Christopher foram os que tiveram sorte. Sarah vê uma cabeça. Uma perna. Um torso. Um chapéu cai no chão, perto deles.

— Sarah, começou. Começou a sério.

É Tate, que avança para eles, de braços estendidos. Tem uma mão cerrada e na outra traz uma pedra do tamanho de uma toranja, dourada e verde, atravessada por veios de metal negros.

Está espantosamente limpo. Como se tudo aquilo lhe tivesse passado ao lado. Sorri. Tem a boca cheia de sangue. Em tempos, Tate foi um Jogador, mas já não é. Agora, tem um ar quase excitado pela irmã, apesar de tudo o que se passou à volta deles. Toda a morte, toda a destruição, tudo o que sabem que aí vem.

— Encontrei-os! — Tate está agora a 10 pés de distância. Outra pequena explosão, sabe-se lá onde. Ele abre a mão que tem fechada e coloca a pequena pedra que Sarah usava ao pescoço dentro da rocha maior e multicolor. — Encaixa na perfeição.

— *Nukumi* — diz Simon, reverente.

— *Nukumi* — diz Sarah, com muito menos reverência.

— O quê? — pergunta Christopher.

Sarah responde-lhe:

— Nada...

Mas é interrompida por uma explosão que faz voar pedaços de metal. Um pedaço de metal com seis pés de comprimento espeta-se

no meio do peito de Tate. Tem morte imediata. Foi-se. Morto de um momento para o outro. Cai para trás, com o pendente de pedra e o pedaço de rocha raiada de verde ainda na mão. A mãe grita, o pai berra:

— Não!

Sarah está incapaz de falar. Christopher tem o olhar fixo, em estado de choque. O sangue escorre do peito de Tate. Tem os olhos abertos, fixos, sem vida, virados para o céu. Os pés estremece-lhe quando os últimos restos de vida o abandonam. No entanto, a pedra e o pendente estão em segurança.

Não foi um acidente.

As pedras têm um significado.

Trazem uma mensagem.

É Endgame.

